

## **ELEMENTOS PARA INTERROGAR UMA CLÍNICA POSSÍVEL NA UNIVERSIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DO TRABALHO DE SUPERVISÃO**

*Vinicius Anciães Darriba  
Nadja Nara Barbosa Pinheiro*

A despeito do fato da relação entre psicanálise e universidade comportar inúmeros eixos de reflexões, abordaremos, na presente comunicação, a questão da formação para a prática clínica. Para tal, partindo de nossa experiência como docentes supervisores de estágio em uma universidade, propomos: (1) retomar a questão dos impasses relativos à inserção da psicanálise na universidade, (2) verificar como esses impasses se atualizam na ‘clínica do estágio’ e (3) interrogar qual é, neste contexto, a clínica possível a partir da psicanálise.

Acreditamos que o fato da psicanálise estar inserida na estrutura de formação de uma universidade é produtora de alguns impasses importantes. Inicialmente, a prática clínica e a supervisão encontram-se alocadas entre as atividades formativas exigidas para a obtenção de um título de graduação. Estão, portanto, referenciadas pelo cumprimento de carga horária mínima obrigatória e pela consecução de desempenho acadêmico. Tal configuração implica em uma dupla inserção. Por um lado, o supervisor é um docente e o estagiário chega à clínica pela via do aluno e não de analisante, posto que a análise pessoal, aqui, não se configura como pré-requisito. Nesse contexto, ainda que estudantes e professores tentem ir além das exigências acadêmicas, entendemos que qualquer iniciativa aí forjada não suprirá os efeitos de se estar inserido na estrutura de formação de uma universidade.

Em segundo lugar, gostaríamos de destacar o lugar do saber. Apoiando-se nas demarcações estabelecidas por Lacan (1969/1992) com relação ao discurso universitário, destacamos como este contrasta com a impotência do estudante diante de

um saber sempre ainda não suficientemente acumulado, o impossível do saber a que a psicanálise se dirige. É um contraste importante porque a possibilidade do trabalho clínico se orientar pela ética da psicanálise depende de se ter em conta esta dimensão do impossível.

A interrogação sobre o quanto a exploração do campo de inconsciente é possível na ‘clínica do estágio’ poderia suscitar como resposta: depende da análise de cada um. Mas tendo em vista que o praticante nesta clínica sempre chegará na condição de estudante, é o caso de interrogar se isto por si só não faz impasse à abertura do inconsciente. Afinal, a psicanálise depende de que o saber não exclua o sujeito dividido. Enquanto que no discurso universitário, como Lacan (1969/1992) indica, o sujeito dividido renuncia a seu lugar.

É do lugar de comando ocupado pelo saber no contexto universitário “que surge a inequívoca promessa de, em um movimento progressivo inesgotável, tudo situar sob a sua égide e de tudo se apropriar” (LO BIANCO, 2006, p. 7). Isto é o que se apresenta ao estudante, e o que ele espera encontrar ao fim do percurso. O que faz, igualmente, com que a psicanálise porte, na universidade, a marca de um estranhamento, já que, “ao contrário, reconhece sempre algo de irredutível ao saber” (LO BIANCO, 2006, p. 7). Sempre aquém da realização da promessa contida no discurso universitário, o trabalho do estudante faz com que este lugar do impossível ganhe contornos de impotência. Não se trata aqui de recobrir o impossível com um mais de saber ao qual o estudante é convocado, mas de incluí-lo como impossível mesmo, cujo manejo não se faz do lugar do saber. O que é um desafio igualmente para o supervisor. Mas a formalização da experiência analítica só avança quando dirigida a este impossível. É o desejo de que algo disso, do impossível do saber como operador,

encontre, na práxis do estágio, possibilidade de transmissão que faz com que nela nos incluamos como supervisores.

Nessa reflexão, é preciso ter em conta que o que se mascara no discurso universitário é que o saber (S2) opera do lugar de agente porque porta a ordem do mestre (S1), que ocupa o lugar da verdade. Segundo Lacan (1969/1992), “pelo fato de o signo do mestre ocupar esse lugar, toda pergunta sobre a verdade é, falando propriamente, esmagada, silenciada” (LACAN, 1969/1992, p. 98). Mas há um mestre velado no lugar da verdade definindo o conjunto dos saberes, ou mais propriamente definindo que os saberes sejam postos em conjunto. Sendo os estudantes impelidos a assumirem a suposição da existência de um saber que se oferece à acumulação e à possibilidade de anteceder a condução do fazer prático, o desafio é de impedir que a psicanálise se reduza a um saber a ser agregado ao conjunto.

Estas reflexões são importantes na medida em que constatamos que, para que haja psicanálise na clínica da universidade, alguma passagem da impotência ao impossível se faz necessária. Para que algo se produza, para que se chegue a algum lugar em seus atendimentos, a relação com o saber do estudante terá que ser minimamente desestabilizada. Quando pensamos na própria conclusão dos atendimentos, todos os jargões da instituição já revelam do que se trata. ‘Encaminhamento’, ‘fechamento’, uma terminologia que faz circular a ideia de que o saber devidamente aplicado resulta em uma operação sem perda, que não há resto. Em nome disto, o estagiário, o praticante, põe-se a trabalhar pelo paciente, contra a orientação ‘escandalosa’ da psicanálise de que é este último quem trabalha. É daí que o estudante terá que se extrair para que se possa começar a falar em psicanálise. O que implica suportar responder de um lugar que o saber não informa, que só se sustenta nos

termos de uma ética que inclui esta dimensão do impossível, repudiada pelo saber universitário e pela técnica, que se prestam justamente a obturá-la.

Indicados os impasses, passemos ao trabalho do qual estes têm sido causa.

Em nosso currículo acadêmico, propomos apresentar a obra freudiana, privilegiando o modo característico como Freud a foi construindo em sua relação dialética com o exercício da clínica. No âmbito do estágio, a observação de que, no espaço formal da supervisão, algumas questões ultrapassam o campo específico da condução dos casos em atendimento foi motivo para que buscássemos a criação de um espaço no qual pudéssemos refletir sobre elas. Implantamos, então, o que denominamos ‘sessões clínicas’. Nestas, os estagiários e supervisores referidos à psicanálise se reúnem semanalmente. A cada encontro, um dos componentes se responsabiliza por dar início às reflexões, apresentando uma questão que tenha surgido no espaço da supervisão, mas que remeta ao campo da clínica de modo mais amplo. Nossa intenção nessas discussões é de não estarmos inteiramente atrelados ao lugar de supervisor, isto é, daquele que detém um suposto saber, o qual, no âmbito da universidade, limita a uma busca de respostas relativas à compreensão e à condução da clínica. Ao contrário, nas sessões clínicas, as dúvidas e questões são lançadas e endereçadas a todos que dela participam objetivando a própria circulação das mesmas. Não há, portanto, nenhuma preocupação com alcançar respostas ou produzir um saber acadêmico, mas única e exclusivamente com a possibilidade de abertura de um movimento que nos implique, a todos, no fazer da clínica em relação à teoria que a sustenta e à pesquisa que ela suscita.

Foi no interior desse espaço que a reflexão que apresentamos aqui tomou corpo. Não temos a ilusão ingênua de que com a criação das sessões clínicas ultrapassamos todos os impasses. Uma relação assimétrica entre professores e alunos permanece. Igualmente, um certo tipo de relação ao saber universitário também. Porém,

as discussões efetivadas nos indicam a ocorrência de um movimento interessante que nos parece assinalar que há aí a instauração de uma relação específica com a psicanálise e seu modo característico de operar: aquele que convoca cada sujeito a se responsabilizar por seus atos, não apenas em sua vida pessoal como, e principalmente, na condução do trabalho clínico. Quer seja ele um profissional graduado ou um estudante em formação. Dessa constatação, um desdobramento sobre a inserção da psicanálise na universidade se tornou presente: a posição de cada um em relação ao saber acadêmico e ao saber sobre seu próprio inconsciente. Uma torção difícil de ser efetivada no campo universitário? Certamente. Porém, acreditamos, a ser mantida no horizonte.

Dessa forma, a questão com que constantemente nos deparamos, no interior das ‘sessões clínicas’, refere-se, em última instância, à possibilidade ou impossibilidade de se fazer psicanálise na universidade, lembrando que pesquisa e clínica se enlaçam aí. Apesar das indicações em contrário, nossas discussões nos mostraram, contudo, uma via de entendimento que indica não haver respostas prontas em nenhum dos dois sentidos. Mas a observação da existência de um posicionamento singular em relação à clínica, que parece indicar a possibilidade de se sustentar a contribuição freudiana no entendimento dos casos clínicos, assim como os efeitos que tal sustentação produz sobre o trabalho que desenvolvemos e sobre os sujeitos aí implicados, resultou na construção da questão aqui especificada sobre qual seria, então, a clínica (e a pesquisa) possível, a partir da psicanálise, na universidade? Não temos a pretensão de responder definitivamente esta questão, mas é ela que tem nos orientado quanto ao desejo de operar e fazer operar, na universidade, desde o lugar ético da psicanálise.

#### **BIBLIOGRAFIA**

LACAN, Jacques. **O seminário livro 17: O avesso da psicanálise** (1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LO BIANCO, Ana Carolina. Apresentação In: A.C. Lo Bianco. (org.). **Freud não explica: A psicanálise nas universidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006, p. 3-7.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Vinicius Anciães Darriba** – Psicólogo, Mestre e Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor da Graduação e da pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Coordenador do Laboratório de Psicanálise da UFPR. [vdarriba@ufpr.br](mailto:vdarriba@ufpr.br)

**Nadja Nara Barbosa Pinheiro** – Psicóloga, Mestre (UFRJ) e Doutora em Psicologia (Puc/RJ). Professora da graduação e da pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Vice-coordenadora do Laboratório de Psicanálise da UFPR. [nadjanbp@ufpr.br](mailto:nadjanbp@ufpr.br)